

Luiz Antonio Vedoin
(o segundo à esquerda)
depõe no Conselho de
Ética: acusações a
três senadores



Darci e Luiz Vedoin complicam Malta

Líder da máfia dos sanguessugas afirmou em depoimento no Senado que se reuniu com o senador capixaba em restaurante

BRASÍLIA – No primeiro dia de depoimentos no Conselho de Ética do Senado, os sócios da Planam, Darci e Luiz Antonio Vedoin, confirmaram as denúncias contra os senadores Ney Suassuna (PMDB-PB), Magno Malta (PL-ES) e Serys Slhessarenko (PT-MT), segundo informações apuradas pelas agências de notícias Globo e Folha.

Os depoimentos foram feitos a portas fechadas. De acordo com a agência Globo, quem ouviu o depoimento saiu dizendo que, a julgar pelo teor das afirmações dos depoentes, a situação de Malta e Suassuna tornou-se mais complicada.

Os relatores dos processos contra os três acusados de quebra de decoro parlamentar, porém, foram cautelosos, afirmando que



é preciso ouvir mais testemunhas e procurar provas, antes de proferir suas decisões.

Segundo apurou a agência Globo, o senador Demóstenes Torres (PFL-GO), responsável pela investigação envolvendo Magno Malta, disse que Darci Vedoin revelou, durante seu depoimento, que esteve reunido com Malta quando este era deputado federal, em 2002.

Segundo Demóstenes, Vedoin teria revelado que se encontrou com o senador do Espírito Santo em um restaurante, acompa-

nhado do deputado Lino Rossi (PP-MT), acusado de procurar parlamentares interessados em apresentar emendas em favor da máfia dos sanguessugas.

Até então, Malta vinha repetindo, em entrevistas e discursos na tribuna do Senado, que não conhecia os Vedoin. O senador é acusado de utilizar um carro de empresa ligada à Planam, que lhe teria sido ofertado por Lino Rossi.

Ele nega que tivesse conhecimento de que o veículo fizesse parte de um acordo entre os Vedoin e o deputado. “Eles afirmaram que não se encontraram com Malta enquanto senador, mas sim quando ele era deputado”, afirmou Demóstenes à agência Globo, relatando que Darci Vedoin ressaltou que o suposto encontro teria sido “apenas para conhecimento” e não para “tratativas de negócios”.

Para o líder do PMDB no Senado, Wellington Salgado (MG), Malta merece, no máximo, uma censura por ter utilizado um carro sem saber a procedência. “O caso do Magno Malta nem deveria estar aí no Conselho”, defendeu Salgado.

Senador nega encontro

ARQUIVO/AT

O senador Magno Malta (PL-ES) não quis falar ontem com os jornalistas que cobrem o noticiário político em Brasília. Através de seu advogado, Silva Neto, porém, o senador Magno Malta negou que tenha se encontrado com o empresário Darci Vedoin, em 2002:

“Nunca estive com esses marginais, com esses trogloditas, com esses assaltantes de cofres públicos. Nunca estive com o Darci. Ele é mentiroso”.

Malta foi notificado pela CPI dos Sanguessugas por ter utilizado um Fiat Ducato pertencente à máfia. Em sua defe-

sa, o senador alega que recebeu o carro emprestado do deputado Lino Rossi e que não sabia que o veículo pertencia aos líderes da máfia das ambulâncias.

Rossi também foi notificado pela CPI e é considerado o mentor do esquema de superfaturamento de ambulâncias.

Malta já admitiu ter usado o automóvel para transportar a sua banda gospel, Tempero do Mundo, por mais de um ano. O senador Magno Malta afirma, entretanto, que não sabia que o carro havia sido cedido pela empresa de Vedoin.



Malta: “Esses trogloditas”



ELIO GASPARI

Os professores negros sumiram da fotografia

O professor americano Jerry Dávila, da Universidade da Carolina do Norte, escreveu um livro que permite uma visita às políticas de ações negativas que afastaram os negros do andar de cima do sistema educacional brasileiro.

É “Diploma de Brancura: Raça e política social no Brasil, 1917-1945” (“Diploma of Whiteness”, publicado em 2003, infelizmente inédito em português).

No início do século XX havia um número razoável de professores negros na rede de ensino municipal do Rio de Janeiro. Dez anos depois, sumiram.

Argumenta-se contra as ações afirmativas com base no critério de mérito: o negro tem acesso a tudo, desde que tenha capacidade.

Dávila captou um momento curioso na história da meritocracia pedagógica nacional. Um capítulo do seu livro chama-se “O que aconteceu aos professores de cor?”

Ele achou a pergunta num arquivo excêntrico, o acervo de 15 mil imagens de Augusto Malta, fotógrafo oficial da prefeitura da cidade. Contratado por Pereira Passos, Malta trabalhou de 1900 a 1936.

Registrava obras, cerimônias e paisagens. Dávila separou cerca de 400 fotografias de escolas, salas de aula e grupos de professores. Resulta que antes de 1920 cerca de 15% dos professores fotografados eram “de cor”, no dialeto da época, afrodescendentes no de hoje.

Muitos deles estavam em escolas vocacionais. Era negro o diretor da escola municipal que formava professores. Depois de 1939 a percentagem cai para 2%.

Há registros esparsos e superficiais da ocorrência desse mesmo fenômeno em Campinas e Pelotas, onde algumas professoras viraram costureiras. (É possível que o arquivo de Malta guarde outra surpresa: podem ter sumido também

os jornalistas negros).

Os mestres negros dos anos 20 foram substituídos por professoras brancas. Dez anos depois surgiu o Instituto de Educação, a gloriosa escola normal do Rio. Era uma instituição modelo, onde as alunas passavam por um duro exame de qualificação intelectual e médico.

Havia até cursinhos preparatórios para normalistas. Exigia-se um custoso enxoval, com luvas brancas. Uma filha de ferroviário só conseguiu comprar os uniformes porque sua família cotizou-se.

Dávila esclarece: não há indício de normas destinadas a excluir deliberadamente os negros, havia apenas o sonho de fabricar uma “fina flor” de educadores.

Continuando sua pesquisa nos arquivos fotográficos, Dávila foi ao álbum de formatura das normalistas de 1942. De 171 professoras diplomadas, só 12 (7%) eram afrodescendentes.

Conseguira-se o branqueamento dos diplomas. Foi um processo elitista, racional e bibliograficamente sofisticado.

Fernando de Azevedo, secretário da Educação do Distrito Federal de 1926 a 1930, acreditava que “sem a criação de elites capazes de guiá-las, a educação das massas populares resultará num movimento na direção da pior demagogia”.

“As massas”, sempre, são os outros. É a velha demofobia. Se não fizerem o que eu digo, a choldra descerá dos morros e destruirá nosso paraíso tropical.

Os negros dirão que são negros. Professoras brancas, com luvas brancas, prometiam um quadro melhor que o das fotografias dos professores enfatiados de Augusto Malta.

As normalistas trabalharam duro, mas o estado atual do sistema escolar nacional indica muitas coisas, uma delas é o fracasso da política de ações negativas. Tirar o negro da fotografia não resolve o problema.

“Antes de 1920 cerca de 15% dos professores eram ‘de cor’. Depois de 1939 a percentagem cai para 2%”